

## Introdução

O ano de 2009 ficou marcado pelas profundas sequelas da crise económica e financeira mundial. Expressões como “novos pobres” ou “desemprego prolongado” passaram a integrar o léxico comum e obrigaram os Estados a tomar medidas extraordinárias de apoio à recuperação económica e à inclusão social. Com efeito, a recessão veio alterar a dimensão e o rosto da pobreza ao colocar muito mais pessoas no desemprego e ao reduzir as oportunidades para os que acedem, pela primeira vez, ao mercado de trabalho. Este contexto é ainda mais grave porquanto teremos de suportar durante muitos anos os encargos com os elevados volumes da dívida associada à presente crise ou que a crise tornou mais difícil de gerir. Estamos a transferir uma pesada factura para as gerações futuras, o que convoca uma redefinição urgente da questão da responsabilidade intergeracional.

As novas circunstâncias económicas e sociais conduziram, por isso e igualmente, as fundações a uma reavaliação das suas prioridades e estruturas de actuação, quer do lado da despesa (orçamento) quer do lado da receita (investimentos). Foi neste contexto que a Fundação Calouste Gulbenkian, por exemplo, procedeu a uma reavaliação profunda da arquitectura de *governance* dos seus investimentos, como se pode ler no capítulo relativo à situação económico-financeira do presente relatório. Ao nível da despesa, por outro lado, efectuaram-se alguns ajustamentos visando a diminuição de custos de funcionamento, sem prejudicar o lançamento de novos programas e novas linhas orçamentais, como o Programa Gulbenkian de Desenvolvimento Humano (PGDH) ou a linha orçamental Novas Intervenções.

O PGDH, criado em Janeiro de 2009, pretende consolidar e concentrar a anterior experiência da Fundação na área da intervenção social, incidindo especificamente sobre cinco áreas-chave: comunidades urbanas; crianças e jovens em risco; migrantes; idosos; e inovação social. A linha orçamental Novas Intervenções, por sua vez, resulta de um novo tipo de abordagem que a Fundação está a testar com a finalidade de apoiar projectos inovadores que cumpram, pelo menos, dois dos seguintes requisitos: serem transversais às diferentes finalidades estatutárias da Fundação, decorrerem em mais de um país, desenvolverem-se em parceria e envolverem actividades distributivas ou de financiamento de outras instituições

do sector não lucrativo. Um exemplo das actividades que se enquadram nas Novas Intervenções é o apoio ao projecto “Dialogue Cafe” que envolve a criação, em diversos países do mundo, de uma rede digital alargada de locais equipados com ecrãs de telepresença, com a finalidade de facultar um fórum de ligação e de aproximação entre diferentes culturas.

Uma consequência evidente das alterações no contexto de intervenção da Fundação traduziu-se no lançamento da Campanha País Solidário, com a qual se pretendeu ensaiar uma tentativa de resposta directa aos graves índices de pobreza que passaram a verificar-se em determinadas zonas do País. Tratou-se de uma acção limitada no tempo que congregou diferentes fundações, empresas, organizações da sociedade civil e personalidades da nossa vida pública e que procurou conjugar contributos para responder a necessidades e carências de famílias que não beneficiam dos esquemas de protecção social públicos.

A Conferência Gulbenkian de Outubro foi dedicada à crise global do ambiente, que constitui um exemplo paradigmático de intersecção entre o passado e o futuro que exige a adopção imediata de decisões inadiáveis. Antecedeu um mês a 15.ª Conferência das Partes da Convenção Quadro das Nações Unidas para as Alterações Climáticas, que teve lugar em Copenhaga, e na qual os Estados tentaram definir um novo regime internacional para as alterações climáticas. Traduziu-se, por isso, numa oportunidade única para debater com um conjunto de reputados especialistas, na sede da Fundação, uma questão que vai afectar, para o bem e para o mal, o futuro do nosso Planeta.

A Delegação da Fundação em Londres mudou-se, em Setembro de 2009, para as suas novas instalações em Hoxton Square. Uma zona que fora predominantemente industrial e que entretanto ganhou uma nova dinâmica, transformando-se num vibrante centro criativo e artístico, com uma grande diversidade social e cultural que favorece e estimula as iniciativas da Delegação.

A Fundação Calouste Gulbenkian tem, perante a sociedade portuguesa e o movimento fundacional europeu, responsabilidades que decorrem da sua história, da sua dimensão e das posições institucionais que ocupa. A Fundação preside, neste momento, ao Centro Português de Fundações e ao Centro Europeu de Fundações, organizações representativas do sector fundacional ao nível nacional e europeu, respectivamente. A nossa participação nestas plataformas tem permitido não apenas aumentar o espaço geográfico da nossa intervenção como também beneficiar das vantagens da acção concertada no tratamento

das questões que constituem a nossa missão. Numa época de instabilidade e incerteza, em que os problemas ganham nova dimensão e os recursos disponíveis são inevitavelmente escassos, apenas a colaboração entre os diferentes actores sociais permite maximizar o impacto das iniciativas e dos projectos que pretendemos lançar.

A Fundação continuou, por isso, a trabalhar de acordo com as prioridades estratégicas que definiu, segundo um método de intervenção estruturado que se caracteriza pelo aumento do conhecimento, que permite a compreensão mais precisa dos problemas e das suas causas, pela aposta na valorização das pessoas, pelos projectos inovadores e replicáveis e, sempre que possível ou desejável, pela lógica de parceria com as diferentes instituições relevantes, públicas ou privadas.

## **Emílio Rui Vilar**

*Presidente do Conselho de Administração*